

“O presidente negro”: uma distopia de Monteiro Lobato

Francisco Carlos Ribeiro*

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar brevemente o romance de ficção científica “O presidente negro” de Monteiro Lobato. Publicada no início do século XX, a obra se destaca por apresentar um futuro tecnologicamente desenvolvido, mas socialmente retrógrado. O artigo também considera que a literatura brasileira possui uma obra instigante e seminal para se refletir o futuro da sociedade globalizada e tecnológica de hoje.

Palavras-chave: ficção científica, distopia, tecnologia, racismo, eugenia.

Abstract

This article aims to briefly review the science fiction novel “O presidente negro”, written by Monteiro Lobato. Published in the early 20th century, the novel stands out for presenting that future technologically developed, but socially retrograde. The article also considers that the Brazilian literature has an exciting and seminal artwork to reflect the future of the globalized and technological society of today.

Keywords: science fiction, dystopia, technology, racism, eugenics.

José Bento Monteiro Lobato nasceu na cidade de Taubaté, interior do Estado de São Paulo em 1882, e faleceu na capital do mesmo Estado em 1948, vitimado de tuberculose. Formado em direito, chegou a ser promotor público. Graças a uma herança deixada por seu avô, conseguiu com o tempo viabilizar seus projetos literários. Em 1918 lançou “Urupês” uma coletânea de contos e crônicas, considerada a sua obra-prima. O êxito do texto foi “sem precedente para um livro de estreia de um escritor, surpreendeu a todos, inclusive [a] ele próprio” (HALLEWELL, 1985, p.241).

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação de História da PUC-SP.

Dedicado integralmente à literatura, foi contista, ensaísta, tradutor, editor e romancista. Cultivou também a fotografia e a pintura. Suas obras completas perfazem uma coleção de trinta volumes, sendo que dezessete deles são dedicados à literatura infantil. Foi um dos proprietários da Companhia Editora Nacional, tornando-se uma das personalidades literárias mais importantes do Brasil.

Também passou a vida engajado em lutas pela modernização do país, como a exploração do petróleo e do ferro. Criou várias empresas de perfuração de petróleo no Brasil. Com isso prejudicou o interesse de políticos e empresários nacionais e estrangeiros, sendo por eles perseguido. Foi preso em 1941 pela ditadura estadonovista, que chegou a apreender e queimar seus livros infantis. Com seu espírito empreendedor, enfrentou seus adversários publicamente. Foi um intelectual que acreditava no futuro, principalmente no futuro de seu país.

“O presidente negro” foi o único romance de Monteiro Lobato, pertencente ao gênero de ficção científica. Foi publicado originalmente em forma de folhetim entre 5 de setembro e 1 de outubro de 1926 no jornal carioca *A Manhã*. No final do mesmo ano, foi publicado também em formato de livro sob o título de “O choque”, com uma tiragem de 16 mil exemplares.

Seu enredo é simples. Ayrton Lobo é um cobrador que trabalha para uma empresa chamada Sá, Pato & Cia, sofre um acidente de automóvel, e é resgatado pelo misterioso e simpático professor Benson. Levado para a casa desse, é tratado pela bela e cerebral Miss Jane, filha de seu benfeitor.

Após alguns dias, Ayrton conhece a grande invenção do professor Benson, o *porviroscópio*. Essa máquina se constitui em um dispositivo para se viajar no tempo. No entanto, com a morte do professor, a máquina é destruída, mas através da narração de Miss Jane, Ayrton é levado a conhecer os detalhes da campanha da eleição presidencial americana de 2228.

Nessa campanha o eleitorado branco estava dividido entre as mulheres, que apoiam a candidata Evelyn Astor, e os homens, que desejavam a reeleição do atual presidente Kerlog. Com essa divergência o eleitorado negro conseguiu

fazer com que James Ray Wilde (popularmente conhecido como Jim Roy) fosse eleito o 88º presidente americano.

Diante dessa ameaça negra, os brancos se uniram em torno de uma solução extremada e final. No dia seguinte, Jim Roy amanheceu morto em seu gabinete de trabalho. Com isso, Kerlog, após novo pleito, foi reeleito com cem milhões de votos. O romance termina com a união amorosa de Ayrton e Miss Jane com um beijo cinematográfico.

Lobato nesse livro apresenta uma visão do futuro da sociedade à maneira de H. G. Wells, isto é, um romance de crítica social sob a forma do gênero de ficção científica. Os Estados Unidos da América que ele iria conhecer pessoalmente (1927-1931), cujo desenvolvimento econômico, social e político admirava de longa data, é o fulcro de sua narrativa ficcional.

Com essa obra, Monteiro Lobato capitou, dentro de uma estrutura de sentimento, a formatizada — mas ainda não formalizada — ascensão da influência da América do Norte, em contrapartida ao declínio do antigo brilho da Europa, que ainda preponderava no cenário internacional no início do século XX. Percebeu com sua subjetividade silenciosa, uma experiência ainda não tornada aberta e reconhecida.

O romance apresenta ao longo de suas páginas alguns elementos que demonstram as ligações ideológicas de Lobato com o americanismo subjetivo do momento em que vivia. Como exemplo, a compra que o personagem Ayrton faz de um automóvel, com o objetivo de se tornar um grande indivíduo da sociedade. Com esse veículo, ele se sentia superior, pois era um ser “rodante”, não mais um “pedestre”. Fica evidente a capacidade de consumo do personagem colocado dentro de um sonho material de desejo e realização. É como se “eliminadas as dificuldades da vida no mundo moderno, estariam também removidas as fontes de insatisfação social. Paz social alcançada pela generalização do consumo. Algumas palavras adquiriam um significado mítico na ideologia do americanismo: *progresso, ciência, tecnologia, abundância, racionalidade, eficiência, gerenciamento científico e padrão americano de vida*” (TOTA, 2000, p.20).

O romance também apresenta o argumento de que os Estados Unidos se fortaleceu devido à prática do *apartheid* social de consenso. Os países tropicais como o Brasil deveriam, segundo o escritor, colocar em ação um plano social semelhante, pois com isso haveria uma harmonia cultural e étnica mais equilibrada.

Monteiro Lobato defendia teses eugenistas e higienistas, baseadas no pensamento de Gustave Le Bon (1841-1931). “Uma análise da correspondência do autor com cientistas da época... como Renato Kehl, literatos, editores estrangeiros, amigos e parentes, assim como da obra adulta e infantil do autor revelam que Lobato até o fim da sua vida,..., não repudiou tais ideias e que estas estão presentes ao longo de sua obra” (QUAGLINO, 2004, p.1).

Para a sensibilidade atual, é inaceitável o desrespeito às diversidades étnicas, culturais e de gênero. No entanto, o darwinismo social, no início do século XX, via com naturalidade o desaparecimento de organizações consideradas atrasadas, dentro da luta pela sobrevivência do mais apto. Portanto, o pensamento higienista e eugenista existente no romance deve ser visto, como uma expressão do sentimento da época de seu lançamento. Um escritor deve ser compreendido e analisado sempre à luz do seu contexto social e histórico.

Como autor de ficção científica, fez algumas “previsões” que se tornaram realidade como a *internet* (jornais radiados “em caracteres luminosos num quadro mural existente em todas as casas”); o *ensino a distância* (“as lições serão radiadas diretamente para a casa das alunas”); o *celular* (“receptor de bolso”); e o *voto à distância* (“os eleitores não saiam de casa – radiavam seus votos com destino a estação central”). No entanto, ao escrever “O presidente negro”, Lobato criou uma distopia à moda de Aldous Huxley e George Orwell. Usando o gênero ficção científica, apresenta um futuro tecnologicamente avançado, mas moralmente retrógrado, no qual a mulher e o negro no país mais desenvolvido do mundo não eram respeitados. O negro ainda era visto como um ser inferior, impossibilitado de chegar ao cargo máximo da nação

americana. O assassinato de Jim Roy apenas confirma que os avanços do futuro se restringiram apenas à tecnologia.

Realmente ele carregou nas tintas para pintar o quadro social do livro, mas, não podemos nos esquecer de que, nos primórdios do século XX, o racismo era extremamente forte em uma boa parte na terra de Tio Sam. Os quatro milhões de membros da Ku Klux Klan na década de 1920, por exemplo, denunciavam os dias melancólicos em que viviam os afroamericanos, que só conquistaram seus direitos civis nos anos de 1960.

Escrito para ser lançado na América e tornar-se um best-seller, Lobato declarou em uma carta a seu amigo Godofredo Rangel que esperava vender “um milhão de exemplares” (CUNHA, s.d., p. 7). Porém, o romance apresentou um quadro tão sombrio, segregacionista e aético da sociedade estadunidense, que levou a sua rejeição nos Estados Unidos. Seu trabalho não encontrou nem um editor, pois foi considerado demasiado ofensivo à dignidade americana. O assassinato de Jim Roy, cometido friamente pela elite branca, não correspondia às expectativas morais de uma civilização superdesenvolvida no futuro como a dos Estados Unidos.

Concluindo, percebemos que Monteiro Lobato ainda é um autor atual. Apresentou-se como um escritor preocupado com seu país, fazendo críticas, assumindo posições polêmicas, mas acima de tudo propondo soluções. Também se demonstrou uma pessoa de visão realista quanto à sociedade futura, pois indica que as questões raciais, de gênero e de classe não seriam resolvidas facilmente. Até hoje ao assistirmos a um telejornal, deparamo-nos com imagens de manifestações afroamericanas, protestando contra crimes cometidos por policiais em conflito com “pessoas negras”.

“O presidente negro”, mesmo que permeado de ideias conservadoras, ainda se demonstra uma obra interessante para se debater os problemas e os valores da sociedade moderna. Racismo, tecnologia e questões de gênero ainda são temas geradores de acaloradas controvérsias.

Monteiro Lobato tem seu nome vinculado a grandes campanhas de interesse nacional, como a melhoria da saúde pública. Autor seminal, tornou-se

com o passar dos anos, um dos pensadores brasileiros mais influentes de todos os tempos. Sempre sincero, nem sempre coerente, abraçou algumas causas inconvenientes, que o levaram à ruína financeira. Esperamos que, em 2228, seu talento visionário ainda reponte com brilho no horizonte da humanidade.

Referências Bibliográficas

CUNHA, Fausto (s.d.). A ficção científica no Brasil: um planeta quase desabitado. In: ALLEN, L. David. *No mundo da ficção científica*. São Paulo: Summus Editorial.

HALLEWELL, Laurence (1985). *O livro no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor.

LOBATO, Monteiro (2009). *O presidente negro*. São Paulo: Globo.

QUAGLINO, Maria Ana. Noções de raça e eugenia em Monteiro Lobato: vida e obra. In *XI Encontro Regional de História, ANPUH-RJ: Democracia e conflito (2004)*. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/Anais/2004/Simposios%20Tematicos/Maria%20Ana%20Quaglino.doc>, p. 1. Acesso em 11/06/2015.

TOTA, Antonio Pedro (2000). *O imperialismo sedutor*. São Paulo: Companhia das Letras.